

Práticas de resistência: a interseccionalidade no fazer jornalístico de Sônia Bridi e Glória Maria¹

Luíza Buzzacaro Barcellos²
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Resumo

O presente trabalho analisa práticas de resistência no jornalismo a partir das trajetórias de Glória Maria e Sônia Bridi, destacando como marcadores sociais — como gênero, raça e classe — atravessam a atuação profissional e desafiam o modelo hegemônico da imprensa. Com base na perspectiva foucaultiana de resistência e no conceito de interseccionalidade (Crenshaw, 2002), propõe-se discutir como essas jornalistas rompem com a lógica da objetividade, colocando-se como sujeitos na narrativa jornalística.

Palavra-chave: resistência; interseccionalidade; jornalismo.

O jornalismo é uma instituição social que possui papel importante na sociedade, pois é responsável por tornar conhecidos acontecimentos, fatos e outras informações de interesse público. A partir das notícias que divulga, informa os cidadãos não somente sobre o que acontece no seu bairro, cidade, país ou mundo, mas também sobre direitos, deveres e sobre fenômenos sociais que impactam o dia a dia.

É por isso que, mais que um teor informativo, a mídia jornalística também pode ser considerada como um tipo de conhecimento social e uma instância com traços pedagógicos (Marcia VEIGA DA SILVA, 2014) que, a partir de recortes de realidade, ensina e educa as pessoas para determinadas posições e saberes.

Desde a criação da imprensa brasileira nos primórdios da colonização, o jornalismo passou por diferentes mudanças, mas, talvez a mais significativa, seja a mudança de uma mídia jornalística marcadamente opinativa (SODRÉ, 1999) para uma empresa jornalística capitalista, com fins lucrativos bem estabelecidos (PENA, 2005), que é o modelo de jornalismo que conhecemos – e consumimos – até hoje. Com esta transição, durante os anos 1960, a notícia passou a ser vista como um produto, parte de um mercado (o jornalístico), e, com isso, estabeleceram-se técnicas, normas e condutas que permeiam e balizam o trabalho de jornalistas na rotina de trabalho das redações.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, Mestre em Ciências da Comunicação pela Unisinos e Doutoranda em Comunicação e Informação pela UFRGS. E-mail: luiza.buzzacaro@gmail.com

Dentre estas normas podemos citar algumas circundantes ao próprio campo do jornalismo, como as noções de objetividade, imparcialidade e neutralidade (TRAQUINA, 2005). Outras técnicas como a construção do lead de uma notícia e a prática de escutar os dois lados também dão o tom de um jornalismo que se vende acima “do bem e do mal”.

A partir do acionamento destas técnicas e valores no dia a dia, veículos de comunicação e muitas vezes os próprios jornalistas acreditam estar produzindo notícias livres de qualquer tipo de juízo de valor, dando efeitos de realidade e selando um tipo de contrato social e simbólico com os leitores de que aquele acontecimento noticiado é real, imparcial e, portanto, credível.

Acontece que mesmo com a aplicação de normas e técnicas bem estabelecidas, o jornalismo é (ou ainda é) feito de pessoas. Indivíduos que são perpassados pela interseccionalidade (Kimberle CRENSHAW, 2002), ou seja, por diferentes marcadores sociais (de gênero, classe, raça, sexualidade) e também por diversas vivências e experiências. Portanto, cada uma dessas pessoas terá uma visão diferente sobre determinado acontecimento de acordo com sua própria subjetividade, seja a partir da escolha das fontes que serão ouvidas, seja a partir das palavras que serão escolhidas para contar a história ou seja pelo recorte que determinado repórter escolherá veicular sobre um fato.

Enxergando os jornalistas como indivíduos que possuem posicionamentos políticos determinados, princípios, valores, ideologias e causas pelas quais se afetam, me interessa entender como esses profissionais, com diferentes marcadores sociais, resistem às práticas jornalísticas convencionais e produzem, no dia a dia, um tipo de jornalismo que se mobiliza diante dessas subjetividades. É importante salientar aqui que estou enxergando a resistência a partir da conceitualização de Foucault (1995, p. 233), com uma “nova forma de investigação das relações entre a racionalização e o poder”.

Para este trabalho, portanto, o objetivo é analisar traços de uma prática jornalística que, em alguma medida, resiste ao *status quo* dominante da profissão, partindo da análise da história de vida, carreira e principais reportagens de duas jornalistas da televisão brasileira: Sônia Bridi e Glória Maria. Estes dois nomes surgem a partir do questionamento: quem são as/os jornalistas que ao longo dos anos empreenderam resistências dentro do jornalismo hegemônico?

A resistência não é algo novo (provavelmente sempre existiu). Quando a imprensa foi “lançada”, por exemplo, mulheres não tinham o direito de expressarem suas opiniões,

mais impossível ainda era trabalharem como jornalistas. A própria existência delas e a ocupação do espaço já era uma forma de resistência, pois ia contra o status quo (a figura de Antonieta de Barros é um desses exemplos). Já nos anos de Ditadura Militar, o simples exercer jornalismo já era a própria resistência, pois era uma época histórica, política e social na qual a verdade e os fatos eram censurados.

Contudo, analisando um cenário mais atual, podemos nos questionar como essas resistências aparecem no jornalismo contemporâneo? Como as pessoas que exercem a profissão hoje se relacionam com suas visões de mundo perpassadas por marcadores sociais – e externalizam isso em forma de produção jornalística? Foi pensando nisso que as duas jornalistas mencionadas acima foram selecionadas como uma pista inicial de objeto e corpus de análise, pois, além de terem bastante visibilidade, rompem, em partes, com o paradigma profissional dominante.

Glória Maria é uma mulher negra que ocupou o lugar de âncora em diversos telejornais e programas da Globo, em muitas vezes se colocando como personagem das próprias reportagens, quase como protagonista, vivenciando, experienciando determinada cultura, e a transformando em reportagem, colocando suas próprias percepções como parte da entrega jornalística (algo que rompe totalmente o padrão do jornalismo hegemônico que cobra uma postura objetiva e imparcial em relação às notícias).

E Sônia Bridi se destaca por propor pautas que fogem completamente aos conhecidos “valores-notícia” comumente vistos na televisão, acompanhando pautas ambientais, indígenas e de países africanos subdesenvolvidos, por exemplo. Bridi também é uma jornalista que se coloca em relação com a pauta, não tanto num lugar de protagonista, mas também ocupando um lugar de alteridade.

O jornalismo convencional muitas vezes atua no apagamento dos sujeitos jornalistas, justamente por cobrar essa postura objetiva e imparcial quase mecânica em relação ao fato: não é permitido sentir, apenas ver e relatar. E essas jornalistas mencionadas acima podem representar justamente o movimento contrário, o de se colocarem como sujeitos em relação com a notícia/fato/acontecimento. Por isso, em alguma medida, também mostram certa prática de resistência ao *status quo* do campo.

Referências

CRENSHAW, Kimberle W. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: VV.AA. **Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem, 2002. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>. Acesso em: 14 jul 2020.

FOUCAULT, Michel. **O Sujeito e o Poder**. In: Michel Foucault, uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Dreyfus HUberty e Paul Rabinow. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1995.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo. Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.

VEIGA DA SILVA, Marcia. **Masculino, o gênero do jornalismo: modos de produção das notícias**. Florianópolis: Insular, 2014.